

SEÇÃO: ARTIGOS

SALA DE AULA: ESPAÇO DE INVENÇÃO DE UMA UTOPIA POSSÍVEL

Francisco André Silva Martins¹

Clifton Arllen Gomes Fernandes²

RESUMO

O presente trabalho traz em seu escopo o relato de uma experiência docente/discente vivenciada durante uma disciplina ministrada no segundo semestre do ano de 2018. No trabalho são apresentadas discussões e reflexões da disciplina *Sala de Aula: Espaço Social, Cultural e Histórico* ministrada no sétimo período, do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de uma universidade no estado de Minas Gerais. O objetivo central é condensar as discussões a partir de dois olhares, o olhar do estudante que cursou a disciplina e do professor que organizou e ministrou-a. As reflexões aqui apresentadas são entendidas como contribuição para a relação entre os sujeitos envolvidos nesse processo, professor e estudante, bem como o aprimoramento da disciplina ministrada, perpassando as referências bibliográficas, os conceitos centrais abordados, os filmes assistidos assim como as inquietações fomentadas a partir da vivência dessa experiência.

Palavras-chave: Pedagogia. Sala de aula. Experiência docente/discente.

Como citar este documento – ABNT

MARTINS, Francisco André Silva; FERNANDES, Clifton Arllen Gomes. Sala de aula: espaço de invenção de uma utopia possível. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e015995, p. 1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.15995>.

Recebido em: 06/11/2019

Aprovado em: 31/01/2020

Publicado em: 28/05/2020

¹ Universidade do Estado de Minas (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4906-573X>. E-mail: francisco.martins@uemg.br.

² Universidade do Estado de Minas (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8829-4992>. E-mail: cliftonarllen@gmail.com.

AULA: ESPACIO PARA INVENTAR UNA POSIBLE UTOPIA

RESUMEN

El presente trabajo tiene en su alcance el informe de una experiencia docente/estudiantil vivida durante una disciplina impartida en el segundo semestre de 2018. En el documento, se presentan discusiones y reflexiones de la disciplina "Aula: espacio social, cultural e histórico" enseñó en el 7º ciclo del Curso de Pedagogía de la Facultad de Educación de una universidad en el estado de Minas Gerais. El objetivo principal es condensar las discusiones desde dos perspectivas, el estudiante que asistió al curso y el maestro que organizó y enseñó el mismo curso. Las reflexiones presentadas aquí se entienden como una contribución a la relación entre los sujetos involucrados en este proceso, profesor y alumno, así como a la mejora de la misma disciplina, pasando por las referencias bibliográficas, los conceptos centrales abordados, las películas asistidas, así como las preocupaciones fomentadas por la vivencia de este experimento.

Palabras clave: Pedagogía. Aula. Experiencia docente/alumno.

CLASSROOM: INVENTION SPACE FOR A POSSIBLE UTOPIA

ABSTRACT

The present work has in its scope the report of a professor/student experience during a discipline taught in the 2nd semester of 2018. In the work, discussions and reflections of the discipline Classroom: Social, Cultural and Historical Space are presented. This discipline is taught in the 7th period of a Pedagogy course in the Faculty of Education of an University in the state of Minas Gerais. The main objective of this work is to condense the discussions from two perspectives, the student who attended to the course and the professor who organized and taught it. The reflections here presented are understood as a contribution to the relationship between the subjects involved in this process, professor and student, as well as to the improvement of the discipline, bibliographic references, main concepts, films, as well as the concerns fostered by this experience.

Keywords: Pedagogy. Classroom. Professor/student experience.

APONTAMENTOS INICIAIS

A experiência relatada neste artigo, data do segundo semestre do ano de 2018, ocorreu na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, onde foi ministrada uma disciplina nomeada *Sala de Aula: Espaço Social, Cultural e Histórico*, no curso de Pedagogia. Essa disciplina propunha diversas tarefas, dentre as quais destaco atividades como trabalho final e a escrita de um ensaio a partir das inquietações/reflexões que tivessem emergido junto aos estudantes do ensino superior. Mediante a devolução do trabalho final, o professor e um estudante em específico, empreenderam várias conversas, para além do instituído, e que para ambos foram entendidas como sendo complementares ao processo formativo vivido no referido curso. Essas conversas foram retomadas inúmeras vezes, e à medida que ocorriam novas reflexões foram compondo o arcabouço a ponto de se tornarem significativas para serem sistematizadas em um relato de experiência. De acordo com Selma Pimenta e Léa Anastasiou (2010, p. 168), “[...] desde suas origens, a universidade buscou efetivar os princípios de formação, criação, reflexão e crítica”, e o presente trabalho pode ser entendido como a materialização dessa prática.

A elaboração do ensaio partiu de uma atividade a ser entregue na disciplina e foi motivada por reflexões e debates que ocorreram durante o segundo período letivo de 2018. Os primeiros parágrafos compostos têm origem principalmente por inquietações já trazidas dos outros semestres da formação no curso, que foram complementados por leituras, filmes e propostas de seminários em sala. Essas experiências compuseram o que seria a estrutura do texto com suas divisões que partiram de uma reflexão mais geral, teórica e depois alguns apontamentos sobre a posição dos estudantes e professores na escola de educação básica. Após a entrega da atividade e conversas fora da sala de aula, o professor sugeriu acréscimos dos relatos de experiência com os filmes e as entrevistas, o que daria substância de artigo para o ensaio. Foi essa tessitura que configurou a escrita que se segue.

O primeiro contato dos estudantes do ensino superior com uma disciplina se dá antes do início das aulas, ao se confrontarem com o nome, a ementa e o professor responsável por ministrar a matéria. Toda essa construção coloca o estudante em um emaranhado de conjecturas. Por isso, um elemento primaz debatido era o nome dado à referida disciplina. Inúmeras vezes o professor responsável pela disciplina foi interpelado por colegas professores da própria universidade e de outras, bem como por estudantes que inqueriam: “Mas existe uma disciplina sobre sala de aula?”. O nome, se visto apenas em seu título principal, permite uma série de interpretações, inclusive pensar que seria trabalhado durante um semestre somente as questões referentes ao espaço físico, às quatro paredes, às carteiras e ao modo de se comportar como professor em uma sala.

Recorrentemente, ao responder as perguntas de colegas e estudantes sobre o nome da disciplina, o subtítulo se mostrava fator esclarecedor das dúvidas, pois para além da sala de aula como espaço físico. A questão principal estava nos aspectos históricos, culturais e sociais

que envolviam esse espaço e o seu lugar dentro de algo maior que é a instituição escolar. O debate foi organizado debruçando-nos sobre os aspectos históricos da sala de aula, as relações cotidianas estabelecidas entre os sujeitos estudante-professor, a dimensão cultural e a construção do conhecimento naquele espaço, o que complexificava sobremaneira o que antes era visto como sendo algo mais simples. Segundo Izabel Cunha (2011):

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. É tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que ideias de vivência na sua prática verbaliza no seu discurso e que relações estabelece com os alunos e com a sociedade em que vive (CUNHA, 2011, p. 31).

Vencido esse primeiro obstáculo, a questão passou a ser: entender quais os significados construídos pelos estudantes em torno desse espaço, bem como as relações entre os sujeitos que o ocupam. O diagnóstico em relação aos conhecimentos prévios dos estudantes se mostra vital para efetivamente construir conhecimentos mais complexos (AYRES, 2008). Em se tratando de uma turma de sétimo período, as expectativas criadas eram de já haver um certo acúmulo, todavia, o que se percebeu foi em grande medida a reprodução, por parte de um número significativo de estudantes, de um discurso fatalista da educação, colocando a escola como uma instituição em crise, que não mais cumpre o seu papel de educar, privilegiando a negatividade, a violência, as indisciplinas dos estudantes, uma suposta desqualificação dos professores com uma carga maior de críticas sobre a escola pública. Uma reprodução do discurso hegemônico que criminaliza as classes populares como se não fossem adequadas ao ambiente educacional, frases como: “a escola é para quem quer estudar, os meninos de hoje só querem bagunçar, não respeitam os professores, a escola não é lugar para eles” foram ouvidas sem qualquer problematização a princípio. Partindo dessa conjuntura e das experiências dos estudantes, a busca foi por tentar tirá-los desse lugar comum.

Como forma de estabelecer, inicialmente, um alicerce para discussões mais complexas no decorrer do semestre, tomamos como orientação inicial os escritos de Roberto Cardoso de Oliveira (2006) sobre o trabalho do antropólogo. O autor problematiza o olhar do pesquisador/professor, a verdadeira capacidade de ouvir e de registrar os elementos da realidade na qual se encontra inserido, isso como forma de consolidar a reflexão em consonância com o aporte teórico. Pudemos refletir sobre quão o olhar pode ser inquisitivo, tendo em vista que somos domesticados por esse mesmo olhar, que tende o tempo inteiro a turvar o que de fato vemos do objeto investigado. A experiência de um olhar domesticado é necessária para se compreender o que os olhos veem através de um certo arcabouço intelectual, uma gama de experiências indeléveis e que nos colocam na condição de termos mais certezas do que dúvidas, o que nos induz a escolhas e posicionamentos direcionados. Entretanto, de acordo com o autor, o olhar não pode ser usado de forma independente e deve ser complementado pelo ouvir.

Na sala de aula foi possível contemplar essas experiências singulares nos primeiros encontros, posicionamentos tão “sólidos” sendo colocados em xeque na sala, questionamentos importantes diante de verdades antes inquestionáveis. A interação da turma com o conteúdo e a construção do conhecimento em diálogo ininterrupto entre professor e o coletivo de estudantes proporcionou a quebra paulatina de estereótipos e a construção de outras hipóteses sobre esse espaço que ocupamos em boa parte de nossas vidas. Diante dessa realidade, há que se ressaltar que um elemento central é a capacidade de efetivar a comunicação entre o professor e os estudantes, de modo que o conhecimento seja inteligível (AYRES, 2008). Dessa forma, o ouvir também foi disciplinado para superar as dificuldades do percurso, saber separar o que é ruído, o que não é necessário e o que pode atrapalhar os caminhos de um conhecimento possível do que é realmente relevante. Por último, não menos importante e totalmente imbricado em todo o processo, debatemos a importância do ato de escrever, onde a disciplina alcançou seu auge, afinal, é o lugar em que se pode sistematizar as ideias em momentos únicos de reflexão sobre os problemas encontrados. Segundo Oliveira (2006), é no ato de escrever que as informações são organizadas, e as ideias surgem e se aperfeiçoam na reescrita. A proposta acordada entre o professor e os estudantes foi de uma construção coletiva do percurso formativo, de maneira dialética, em uma perspectiva que nos levasse a ações, a refletir sobre elas, e a retomá-las a partir do aprofundamento da discussão antes realizada. Conforme nos apresenta Maria Isabel Cunha (2011):

Unir ensino e pesquisa significa caminhar para que a educação seja integrada, envolvendo estudantes e professores numa criação do conhecimento comumente compartilhado. A pesquisa deve ser usada para colocar o sujeito dos fatos, para que a realidade seja apreendida e não somente reproduzida (CUNHA, 2011, p. 29).

Durante o período de um semestre, ficou acordado, entre a turma e o professor, a sugestão de leitura de alguns textos que dariam suporte para confrontar a experiência de assistirmos três filmes de forma intercalada, já que ocorreriam algumas aulas expositivas e alguns seminários. Como trabalho final, seriam duas atividades: uma seria realizada no período de estágio, que consistiria na elaboração de um roteiro e registro compilado de entrevistas com professores da Educação básica, da Rede Municipal de Belo Horizonte de Educação ou da Rede Particular; a outra atividade seria a escrita de um ensaio que contemplasse os registros feitos durante a disciplina e também como uma maneira de estimular a escrita no formato acadêmico, utilizando reflexões dos autores propostos na bibliografia.

Observando a evolução do tempo e do amadurecimento da turma, entendemos que as etapas propostas por Oliveira (2006) do olhar, do ouvir e do registrar influenciaram diretamente nas leituras e significados construídos a respeito da sala de aula. Algumas inquietações emergiram concomitantemente: afinal, o que pode ser sistematizado sobre a sala de aula real? Será possível a relativização do entendimento enraizado na memória coletiva e idealizado sobre a sala de aula? Deve-se desconstruir a escola? Criar uma indisciplina ou nos adaptar a disciplina

hermética do sistema educacional? Problematizar esse lugar injusto em que os sujeitos são diversos e as condições são caóticas? Ou simplesmente aceitar o que está posto e nos adaptar? Como professor(a) em formação, devo me posicionar politicamente diante dessa realidade ou devo me manter isento? Essas se tornaram questões que nortearam a disciplina no decorrer do semestre.

A SALA DE AULA ESTÁ NA ESCOLA: O USO DE FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO

A história da instituição escolar amplamente debatida nos cursos de Pedagogia encontra hoje, no discurso comum, a reverberação de uma memória disciplinadora e elogiosa ao modelo escolar industrial fundado nas tradições iluministas que disponibiliza um conhecimento que precisa ser derramado sobre os incultos, e se eles não conseguirem absorver esse conhecimento, endossam e atestam incapacidade deles para estarem nesse lugar. Para aprofundar essas questões, discutimos quais são objetivamente as funções da instituição escolar na contemporaneidade. Seria ela uma instituição transformadora ou reprodutora das desigualdades sociais? Serviria mais à formação do indivíduo ou ao seu controle? Uma instituição puramente meritocrática, promotora de uma competição escolar justa entre estudantes?

Caminhando nessa seara, alguns filmes, dentre eles o clipe de uma banda musical de rock, foram usados como recurso mobilizador, disparador de inquietações e reflexões. Em consonância com as contribuições de Inês Teixeira, José Lopes e Juarez Dayrell (2009), acreditamos que:

Arte, entendida por definição, como elemento perturbador. E assim sendo, a arte na escola, o cinema na escola, em nosso caso, não deve ser propriedade de nenhuma área ou professor, porque é responsabilidade de todos. Ao lado do desenvolvimento cognitivo, do pensamento lógico e da formação ético-moral, os educadores e educadoras deverão ocupar-se com a formação estético-expressiva de si mesmos e das crianças, adolescentes, jovens e adultos com os quais trabalham (TEIXEIRA; LOPES; DAYRELL, 2009, p. 17).

O primeiro filme visto em sala foi o documentário *Pro dia nascer feliz*, dirigido por João Jardim no ano de 2005. Esse documentário estabelece uma radiografia da educação brasileira por meio de realidades de diferentes escolas, de diferentes territórios, privadas e públicas, do interior do país e das grandes metrópoles, das classes populares e das classes abastadas. Na obra, diferentes olhares apresentam suas representações e significados em relação à instituição escolar e seu papel, bem como seus problemas e potencialidades.

Dentre tantas questões, alguns dos casos apresentados no filme impactaram, em muito, o coletivo de estudantes, como o caso de uma aluna de uma cidade do Nordeste que apresentava seus textos/trabalhos aos professores e era questionada sobre a autoria dos

trabalhos, como se fossem plágio. Outro caso era de uma aluna que mata a colega com golpes de faca no interior da escola por questões que surgiram fora da própria escola, assim como um estudante do Rio de Janeiro, que é tido como indisciplinado na escola, mas que tem, como alternativa à inserção no tráfico, a experiência de tocar tambor em um grupo de percussão da escola. Há também as alunas de escola privada, de classe média alta, que vivem dilemas existenciais como o fato de correrem risco de reprovação e por isso terem que estudar de maneira complementar fora da escola e a falta de tempo para outras atividades, como namorar.

No encontro pós-filme, com a sala em formato de roda, com reflexões pessoais mais sedimentadas, o primeiro momento da conversa foi marcado por um posicionamento maniqueísta, binário, como se existisse o certo e o errado, como se fôssemos todos juízes diante de um tribunal que pelas falas condenava prontamente o sistema escolar. Novamente, a visão apocalíptica da escola, do processo formativo e dos sujeitos nela inseridos estava posta. A busca foi, a todo momento, para retomar a problematização do nosso olhar, da nossa cultura, ou seja, a lente com a qual enxergamos o que nos parece tão habitual. Percebemos nesse processo o que parece ser uma negação de si, pois a maioria que ali estavam disseram que tinham vivido situações similares nas trajetórias escolares deles mesmos, no entanto, falas como “antigamente a coisa era diferente, estudante respeitava professor!” apareceram nas falas. Cada vez mais as conversas nos diziam sobre a necessidade de aparar as arestas das imagens construídas socialmente, esse era um elemento central pretendido na disciplina e a busca foi ininterrupta.

Outra obra vista junto a turma, em outro momento da disciplina, foi um filme francês de 2008, *Entre os muros da escola*, dirigido por Laurent Cantet. Apesar de retratar uma realidade francesa, de escolas periféricas destinadas em sua maioria a imigrantes e filhos de imigrantes, de acordo com José de Souza Miguel Lopes (2009):

Embora ambientado em uma escola francesa, qualquer professor ou estudante do mundo inteiro pode se reconhecer entre os personagens do filme de Laurent Cantet. É a recriação tão autêntica e cuidadosamente próxima da realidade que descreve, está de tal forma colada a ela, que consegue um admirável “efeito de real” (LOPES, 2009, p. 70).

O filme em muito dialoga com a realidade brasileira, pois nos apresenta questões como a indisciplina dos estudantes, as práticas do professor, o funcionamento da escola, a burocracia e a estrutura hermética. Retomando Lopes (2009), esse é o “retrato da escola, e claro, o retrato da sociedade na qual a escola é um microcosmos” (LOPES, 2009, p.75). Como era de se esperar, a questão da indisciplina e do comportamento violento dos estudantes povoou o debate, a fala de uma aluna foi marcante, “graças a deus que eu não vou dar aula, eu não aguento esses meninos de hoje em dia”. A violência do sujeito estudante assumiu a centralidade do debate e novamente a discussão em torno da escola para quem, de fato, está preparado para ela foi retomada. Em momento algum, a violência da instituição foi

mencionada. As coerções empreendidas com intuito de promover, junto aos estudantes, a assimilação de uma cultura idealizada, da qual a escola é guardiã, só foi colocada em pauta a partir de uma intervenção do professor.

Questões como: em que medida os nossos estudantes da educação básica, em sua maioria, de comunidades periféricas, se veem representados no cotidiano da escola? Quais conhecimentos dialogam com a realidade deles? A organização permite aos sujeitos o exercício de sua subjetividade? Tais questões nos permitiram, inclusive, problematizar a indisciplina dos estudantes, que para além de uma indisciplina unicamente, pôde ser vista também como resistência à uma ordem dissonante com os próprios sujeitos. Retomando a fala da aluna mencionada anteriormente, o cuidado foi no sentido de não isentar os sujeitos estudantes dentro dessa lógica indisciplinar, mas equalizar as responsabilidades e entender que alternativas para esse problema tão efervescente somente podem surtir efeito se todos os sujeitos da escola estiverem inseridos em um debate mais amplo, que questione inclusive as violências institucionais. É nesse contexto que a música, bem como o clipe *Another Brick in the Wall* da banda inglesa Pink Floyd foram também utilizados no fechamento do debate. Nesse vídeo, vimos uma crítica contundente à instituição escolar, à estrutura rígida, ao privilégio do monopólio do conhecimento nas mãos dos professores, à impossibilidade de se pensar de uma maneira crítica e à coerção que induz ao pensamento único, como verdade cabal.

As imagens mais emblemáticas dão conta de uma metáfora na qual a escola aparece como um moedor de carne, carne humana, carne dos estudantes, que se tornam uma massa amorfa, carne moída pela lógica engessada e alçoz da instituição escolar. Apesar de ser uma obra datada, ou seja, feita ao final da década de 1970 do século passado, muitos estudantes disseram que essa ainda é a característica central de nossas escolas ao vivermos o século XXI, com um *modus operandi* medieval. Nesse sentido, há que se ressaltar que ninguém passa incólume nessa realidade tensa e conflituosa entre a indisciplina dos sujeitos estudantes, as expectativas idealizadas dos sujeitos professores e as violências e coerções institucionais.

O terceiro filme utilizado foi passado já caminhando para o final do semestre. O título da obra causou, em um primeiro momento, certa desconfiança. Alguns pensaram sugerir um filme de autoajuda, ou mesmo um daqueles filmes estadunidenses, com receitas exitosas de escolas de periferia que superam todas as dificuldades e que os estudantes de delinquentes se tornam exemplos de dedicação e superação. No entanto, *Capitão Fantástico*, de Matt Ross, lançado em 2016, apresenta um enredo e uma discussão muito mais complexa. Um casal que opta por criar os filhos a partir de uma perspectiva de ruptura com a sociedade capitalista, pregando outros valores que não o consumismo, sendo responsáveis por sua sobrevivência em uma relação direta com a natureza selvagem. Junto a tudo isso, a formação dos filhos se dá de maneira *sui generis* nas atividades físicas, que remontam a educação espartana, e na formação intelectual, que se dá por meio de discussões coletivas de quaisquer temas, bem

como os estudos dos clássicos da Filosofia, Sociologia, História, dentre outras áreas. A questão é que a mãe, que estava doente, suicida-se e o pai vive uma saga ao tentar convencer os filhos de que viver daquela forma era o correto, e os filhos, em contrapartida, tentam mostrar ao pai que outras coisas para além do estilo de vida deles eram também necessárias à construção deles como sujeitos sociais. A questão central para o debate foi a forma, pretensamente dialógica, que nos apresenta uma formação que prima pelas questões críticas, mas também nos mostra um monopólio das relações de poder por parte do pai. Em linhas gerais, a situação apresentada mostra sujeitos que detêm um conhecimento teórico exacerbado e um desconhecimento/inapetência para as relações sociais que se dá em medida similar.

Ao fim e ao cabo, as discussões com os filmes proporcionaram o deslocamento dos estudantes diante das singularidades apresentadas, deixando claro a inexistência de uma receita pronta do modo de se educar, de como fazer e do que fazer. Como nos diz Arroyo (2011), em seu livro *Ofício de mestre*, não nos tornamos professores assim que recebemos o diploma, ao contrário, talvez a partir desse momento é que estaremos minimamente credenciados a exercer a formação subjetiva para o exercício da docência, pois “não nascemos com esses atributos, temos que aprender a ser professores, incorporar esses atributos, essas formas de dever-ser” (ARROYO, 2011, p. 125). Assim sendo:

Os mestres formados em nossos centros podem ter decifrado todos esses símbolos tão redundantes, porém a relação entre eles e seu ofício no cotidiano escolar restará incerta. Um emblema que carregarão cada dia, em sua mochila de professor(a), a cada viagem de ida e volta a seu lugar de trabalho, a escola (ARROYO, 2011, p. 134).

Na proposta de assistirmos filmes durante a disciplina, foi possível observar diversas nuances aprofundadas do modelo histórico institucional da escola, desde a escola dualista, compensatória, a exposição evidente de desigualdades sociais, até propostas pretensamente vanguardistas de educar. Ao analisarmos tais situações, pudemos refletir sobre uma instituição em que é possível se dar mais aos que têm menos, problematizar o discurso de uma instituição igualitária e concretizar a busca da garantia de que todos os estudantes tenham o mínimo de conhecimentos e de competências.

A busca foi por entender esse lugar na sua potencialidade ao promover integração de todos os estudantes na sociedade e com a utilidade de sua formação. Tentar fazer com que as desigualdades escolares não tenham consequências sobre as desigualdades sociais, permitir que cada um desenvolva seus talentos específicos, independentemente de seu desempenho escolar. Entendemos esse espaço marcado por sua condicionalidade histórica e social e fazemos dele um espaço para dialogarmos com as condições instituídas na história da humanidade.

Acreditamos que tal contribuição caminhou no sentido de mostrar que a realidade vivida no chão da sala é vital para entender que tudo se dá como processo ininterrupto, diário,

cotidiano. Mostrar que a escola é lugar de disputa, de conflitos, e, nesse sentido, o dissenso é parte componente do processo educativo, tanto para os estudantes quanto para os professores.

A SALA DE AULA DOS ESTUDANTES

Em se tratando dos sujeitos estudantes, a preocupação foi no sentido de garantir que as discussões abrangessem duas dimensões distintas, os estudantes da educação básica que os(as) estudantes de pedagogia iriam encontrar em suas realidades, no chão da sala, após formados, assim como os estudantes do ensino superior e o lugar deles enquanto sujeitos do processo formativo mais amplo.

No que tange ao pensamento crítico dos estudantes do curso de Pedagogia e à reflexão sobre si mesmos e seu lugar no processo formativo, a preocupação foi, durante todo o tempo, no sentido de garantir uma relação dialógica entre esses estudantes e o professor. Tudo, absolutamente tudo, que dizia respeito à disciplina era decidido em assembleia, coletivamente. A distribuição de pontos, os trabalhos, as datas de aulas, textos e filmes a serem utilizados. De forma que os estudantes pudessem também sugerir e propor atividades, textos e filmes. Os trabalhos e avaliações, após entregues aos estudantes, eram debatidos em sala para que aqueles que não concordassem com suas notas pudessem argumentar em defesa de seu ponto de vista. Práticas alicerçadas no que Freire e Shor (1986) consideram ser vital para um educador libertador.

Um aspecto singular é a preocupação em sempre deixar claro que ali, naquele lugar, naquela sala de aula, todos eram na verdade colegas de profissão, que independentemente das instâncias e níveis de docência, tanto o professor da faculdade quanto os estudantes da Pedagogia viveriam durante a vida profissional vicissitudes e vitórias que mais os aproximava que afastava. Conforme nos apontam Selma Pimenta e Léa Anastasiou (2010), “o ensino, fenômeno complexo, enquanto prática social realizada por seres humanos com seres humanos, é modificado pela ação e relação desses sujeitos, que por sua vez, são modificados nesse processo” (PIMENTA; ANASTASIOU, p.189), assim entendemos tratar-se de um contexto no qual a identidade profissional e classista ganhou maior relevância. Acreditamos que tal relação tenha influenciado, inclusive, a feitura desse artigo e os elementos aqui apontados dizem muito mais de convicções como educadores libertadores que das nossas práticas propriamente ditas.

Já a respeito dos sujeitos estudantes da educação básica que seriam encontrados na sala após a formação final dos estudantes do curso de Pedagogia, a tentativa foi de aguçar o olhar sobre eles, principalmente, durante o período de estágio obrigatório, no qual estariam na escola. Concomitantemente, foi proposto também um trabalho de campo, em grupo, uma entrevista a ser feita por cada estudante com três professores(as) da educação básica, que *a posteriori* seriam compiladas e subsidiaram nossas discussões em sala.

A divisão dos grupos de trabalho e sistematização do roteiro da entrevista foi acondicionada junto com outras atividades do semestre que deveriam ocorrer no período de estágio. Nas conversas em grupo o que se podia notar era a previsibilidade, afinal, no sétimo período os estudantes já conhecem um pouco da realidade das escolas. Discutindo sobre isso em grupo, optamos por elaborar perguntas em que os professores pudessem expressar-se de maneira livre, com tom de desabafo, trazendo assim uma grande carga de informações nas emoções de suas práticas. Notamos resultados bem parecidos nas falas de professores da rede pública, e algumas diferenças nas falas de professores da rede particular, o que encaramos como normalidade devido às circunstâncias diferenciadas de trabalho.

Ao estarem por alguns dias fazendo os estágios em escolas na cidade de Belo Horizonte, os(as) estudantes trouxeram para nossas conversas na faculdade, fortemente, a questão da precariedade em que estudantes da educação básica e professores cotidianamente reproduzem suas existências na periferia da cidade. Por meio da realidade do estágio em diálogo com as leituras proporcionadas na disciplina a busca foi por entender o espaço da escola, como um espaço de direito do cidadão e que deve ser compreendida através do conceito de cidadania, conforme no diz Arroyo (2015):

Todo ser humano é educável. A crença política em que todo cidadão é educável mobilizou a pedagogia e a docência: a educação é direito de todo cidadão. Dever do Estado. A crença na educabilidade de todo cidadão porque ele é humano alimentou as lutas pela educação, pela escola (ARROYO, 2015, p. 23).

O direito ao desenvolvimento humano pleno de todo cidadão desde a infância tem sido paulatinamente questionado pelo discurso comum da nossa sociedade. A Pedagogia em tempos atuais está em confronto com o pensamento economicista, tem cada vez mais caído na descrença da possibilidade do humano viável. Todas as apostas estão direcionadas para o capital humano em que a racionalidade financeira é valorizada sobre as questões de solidariedade e humanização, essa é a voz da descrença na Pedagogia, na docência e na educabilidade da infância e da adolescência pobre, negra, das periferias que chegam às escolas. Diante da letra ácida do rapper Djonga: “Chegar aqui de onde eu vim/ É desafiar a lei da gravidade/ Pobre morre ou é preso, nessa idade”, essa realidade nos serve de combustível na luta por uma escola mais justa e igualitária, que luta de fato contra um sistema opressor (FREIRE, 2011).

Compreender essa realidade é entender a urgente situação de reconhecermos a nossa proximidade com os educandos, observá-los e conhecer mais sobre suas trajetórias humanas e escolares, o que fazem no seu cotidiano? Quais são suas histórias? Não podemos considerá-los a partir da precariedade a qual estão condenados. Ao assistir ao filme *Pro dia nascer feliz*, mencionado anteriormente, é possível observar claramente as potencialidades dos sujeitos humanizados nas lentes das câmeras, humanos com sonhos, ambições, em toda sua

pungência, em contraposição à realidade fatal que muitas vezes os leva a pensar que “Aqui, na maioria das vezes, a gente não tem nem chance de sonhar”.

Não faz sentido, através de um olhar leviano, institucionalizado, reduzirmos os direitos humanos principalmente na escola onde esses sujeitos encontram os meios elementares de sobrevivência. Precisamos encarar esse estudante como um cidadão, um ser humano, sujeito de direitos plenos, mesmo quando vindos de classes populares, carentes, sobreviventes. Em uma visão estreita, a docência se limitará a uma docência para a sobrevivência. Por isso a necessidade de se pensar também na imagem desses professores, quais são os seus itinerários humanos?

A SALA DE AULA DOS PROFESSORES

Seria possível pensar a sala de aula sem um debate acerca desse sujeito? Maria Izabel Cunha em sua obra *O bom professor e sua prática* (2011) nos diz que “é impossível desconhecer que sem professor não se faz escola” (CUNHA, 2011, p. 25). Assim como em relação aos sujeitos estudantes, a busca foi por mobilizar os discentes de Pedagogia para outras duas dimensões em relação aos sujeitos professores, os professores reais, que estavam no chão da sala e eles, estudantes como professores em formação, que estariam, em bem pouco tempo, no mesmo chão. Para subsidiar as discussões em sala, as pistas encontradas no trabalho de campo desenvolvido durante o estágio foram vitais. Os dados coletados nos mostraram que os sujeitos eram, em sua maioria, egressos das classes populares, com uma trajetória de escolhas nem sempre realizadas, nas quais a docência foi para alguns as primeiras escolhas e para outros o que foi possível realizar como curso superior, o que repercutiu em um exercício como forma de superação de uma condição social estigmatizada. A busca por essa superação nos coloca em contato com a demanda popular, que é persistente no Brasil, com sujeitos, que mesmo em situações adversas, continuam construindo experiências de produção cultural e de valorização de práticas individuais positivas. Essas são “experiências vividas no mundo da vida, pelas quais se fazem a si mesmos e a história humana. Uma história-práxis de sujeitos que são, ao mesmo tempo, sua própria história” (TEIXEIRA, 1996, p. 183).

Em se tratando dos significados construídos em relação à escola, apuramos visões que podem ser consideradas como sendo opostas, que mesmo assim se aproximam e se afastam em determinados momentos. Há aqueles que creem nas suas práticas e veem na escola uma instituição capaz de intervir na realidade social e na vida de seus estudantes e inseridos nesse lugar são mais propositivos, bem como existem outros que ressaltam a crise da instituição escolar, que se prendem a uma imagem idealizada e saudosista da instituição escolar, como se essa, nos tempos atuais, não mais conseguisse fazer o que antes fazia para aqueles que a frequentavam. Nesse bojo, outros elementos vieram a reboque, o discurso da descrença foi baseado nas condições de que hoje esses profissionais vivem na escola, condições precárias de trabalho, turmas lotadas, necessidade de trabalhar por até três turnos diários, corpos

marcados pelo cansaço e por posicionamentos de aceitação do que está posto. É importante mencionar que as críticas são mais duras, carregadas nas tintas, quando se trata da escola pública.

As imagens construídas sobre os sujeitos estudantes da educação básica são tão paradoxais quanto ao que pensam sobre a escola. Há profissionais que buscam entender as especificidades dos sujeitos, que entendem o acesso à escola como direito, como experiência vital para transpor condições de desumanização, como experiência formativa capaz de proporcionar, ao estudante, a sua reflexão e construção do seu lugar social. Todavia, há também aqueles que, presos as questões da indisciplina, que são de fato um problema do nosso tempo, mas que são bem mais complexas do que podem parecer, reforçam que a escola pública deveria ser mais seletiva. Apesar dessas posições, os discursos nos mostram um compromisso com o sujeito estudante, de um comprometimento profissional marcado pela crença no seu fazer docente.

Nas discussões em sala, a busca foi por não tornarmos tal espaço um tribunal, não culpar tais profissionais por esse ou aquele comportamento, mas de se colocar no lugar do outro. Não há receita pronta! Trata-se de entender que a realidade é dura, áspera, mas somente o fato do sujeito estar na escola é uma forma de resistir. Não há como descolar a atuação profissional desse sujeito de suas experiências mais diversas: políticas, culturais, familiares. Isso complexifica, em muito, o entendimento do que é ser professor. De acordo com Teixeira (1996):

Sujeitos socioculturais são também seres concretos e plurais. São pessoas vivas e reais, existindo a partir de sua corporeidade e lugar social, a partir de sua condição de mulheres, homens, negros, brancos. Pertencem a diferentes raças e etnias. São crianças, jovens ou de mais idade; adeptos de variadas crenças e costumes. Têm desejos, projetos e atribuem variadas significações às suas experiências e ao mundo. Para entendê-los, é necessário considerar esses seus atributos, sejam eles adscritos ou adquiridos, pois tudo isso matiza sua existência e condição (TEIXEIRA, 1996, p. 185).

O exercício persistente da escuta desses profissionais se faz necessário. Não é possível pensar uma construção diferente do conhecimento que não passe por uma prática ressignificada do envolvimento do entrelaçamento da história e dos saberes historicamente construídos pelas camadas populares. Fica claro que os professores procuram ter uma postura democrática na escola, uma postura salvacionista das questões críticas de uma sociedade injusta, embora a escola, na sua rígida estrutura, continue erigida por um sistema que prioriza a separação entre melhores e piores e reforçando desigualdades históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhamos a partir daqui para a finalização desse relato de experiência. Uma experiência territorialmente e cronologicamente situada, que aconteceu durante um semestre específico, ao cursar uma disciplina e que aqui aglutina elementos de um fazer docente e discente de maneira dialógica. Todavia, há que se considerar que as experiências não param, na mesma medida que as reflexões sobre essas mesmas experiências também se mantêm ativas, com isso não pretendemos colocar ponto final a esse trabalho, talvez algumas reticências, tendo em vista que o que aqui foi escrito há de se tornar nutriente para o nosso fazer docente e discente, e porque não também daqueles que lerem tais palavras?

Ao finalizar esse trabalho, refletimos muito sobre a responsabilidade contida no ato de socializar nossas experiências, bem como em relação ao fato de como tais experiências seriam lidas pelos nossos interlocutores. Claramente, queremos romper com a falsa imagem de um processo harmonioso, há que se explicitar que o conflito foi uma marca constante durante o referido semestre, conflito de ideias, de posicionamentos, de verdades cabais que foram colocadas em debate. Em contrapartida, os consensos construídos a partir desses conflitos se mostraram bem mais sólidos e robustos, não se tornaram outras verdades para substituir as antigas, mas minimamente proporcionaram ao coletivo se colocar em um lugar de reflexão e de questionamento da realidade social que nos cerca, daquilo que naturalizamos como sendo algo que sempre existiu. As palavras “utopia” e “invenção” aparecem no título do trabalho não de maneira inadvertida, mas como lanternas a nos mostrar o quanto as imagens socialmente construídas são estereotipadas e em contrapartida quanto há de potencialidades na luta contra essas mesmas imagens.

Nesse diapasão, reforçamos que preferimos muito mais um conflito verdadeiro, honesto, em que se expresse os pontos de vista das pessoas e estabelecido de forma respeitosa/afetiva a um falso consenso que sirva somente para que o estudante responda o que ele acha que o professor quer ouvir para tirar uma boa nota na prova. Hoje percebemos que nas universidades algumas pessoas têm tido dificuldades em separar as divergências de ideias das divergências pessoais e isso é um desserviço para a construção do pensamento crítico.

Paulo Freire e Ira Shor (1986), em obra clássica *Medo e ousadia*, na qual dialogam sobre vários temas, dentre eles o processo de transformação do professor em um educador libertador, nos fazem apontamentos importantes:

O que me ajudou [Ira Shor] nos piores momentos foi compreender os limites do meu próprio poder. Era verdade, frequentemente, que minhas aulas eram uma experiência única na vida dos estudantes. Por outro lado, um curso é apenas um curso dentro de um currículo mais abrangente, e a educação é apenas parte da sociedade como um todo. A cultura de massas socializa as pessoas para se policiarem contra a própria liberdade. Portanto, era compressível que algumas classes rejeitassem o convite libertador que eu

lhes fazia. O que fazemos em classe não é um momento isolado, separado do mundo “real”. Está totalmente vinculado ao mundo real, e este mundo real é que constitui o poder e os limites de qualquer curso crítico (FREIRE; SHOR, 1986, p. 37).

Seria ingenuidade pensar que somente o fato de um determinado coletivo de estudantes do curso de Pedagogia ter cursado a disciplina de Sala de Aula seria o suficiente para se implicarem com uma leitura de mundo mais implicada, progressista, igualitária, libertadora, porém é importante considerar que na mesma medida seria impossível passar pelas experiências aqui relatadas de maneira incólume.

Não se trata de tentar ensinar como deveriam ser como professores(as), mas incomodar a tal ponto que a postura de investigador diante do que for colocado seja uma regra. Se cada um tomasse para si o ato de pensar/repensar/refletir como condição obrigatória do se fazer professor, já seria uma grande conquista. A esperança é uma grande companheira, como diria Freire (1992): “Não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho” (FREIRE, 1992, p. 10). No entanto, não se trata aqui de uma esperança do esperar, como se fosse uma dádiva dos céus, sagrada, mas uma esperança propositiva, crítica, que possa nos servir de mola propulsora.

Em tempos tão sombrios, finalizamos nossos pensamentos embrenhados em sentimentos díspares, porque não dizer paradoxais, de amor e indignação. Um amor que não é romântico, mas, sim, reflexivo, ao ponto de nos colocar diante de uma prática pedagógica e profissional que seja condição existencial, que nos permita intervir na sociedade, mesmo que de uma maneira que possa parecer sutil a alguns, mas trata-se na verdade de nosso lugar de atuação. Como docentes, o professor e o estudante que aqui escrevem, têm convicções que se irmanam no sentido de saber que somente pela educação não iremos acabar com as mazes de nossa sociedade, mas podemos sim pela educação permitir aos sujeitos construir para si um outro lugar social, construir uma outra leitura de mundo, na qual esse mundo possa e deva, inclusive, ser questionado ao ponto que quiserem mudá-lo. É exatamente nesse momento que a indignação se alia ao amor, pois estamos convictos de que quem luta, educa!

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Ofício de mestre*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O humano é viável? É educável? *Revista Pedagógica*, v. 17, n. 35, maio/ago. 2015.

AYRES, Tadeu Antônio. *Prática pedagógica competente: ampliando os saberes do professor*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, Maria Izabel da. *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papyrus, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LOPES, José de Sousa Miguel. Entre os muros da escola: a vida, a sociedade em movimento. *Revista Presença Pedagógica*, v. 15, n. 87, maio/jun. 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência do Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2010.

TEIXEIRA, Inês. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 179-194.

TEIXEIRA, Inês Assunção da Castro; LOPES, José de Sousa; DAYRELL, Juarez. *A juventude vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Francisco André Silva Martins

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Professor efetivo da FaE e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Mestrado em Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Pesquisador do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA) e pesquisador do Observatório da Juventude da FaE-UFMG.

francisco.martins@uemg.br

Clifton Arllen Gomes Fernandes

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, em 2019, e graduação em Design Gráfico pelo Centro Universitário de Belo Horizonte, em 2014.

cliftonarllen@gmail.com